

## O LUGAR DE BENEDITO NUNES NA MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Maria de Fátima NASCIMENTO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como finalidade analisar cinco obras de crítica literária de Benedito Nunes (1929-): *O Mundo de Clarice Lispector* (1966), *O Dorso do Tigre* (1969), *Passagem para o Poético – Filosofia e Poesia em Heidegger* (1986), *O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector* (1988), *O Tempo da Narrativa* (1989), bem como artigos publicados pelo crítico em jornais e revistas entre 1946 e 1960. Nessa análise, dar-se-á especial atenção à relação da obra do crítico paraense com a filosofia heideggeriana e com as correntes hegemônicas da produção da crítica literária brasileira da segunda metade do século XX, principalmente, publicações de Benedito Nunes em periódicos, sobretudo em Belém do Pará, entre 1946 e 1952, publicações essas que caracterizam suas primeiras incursões pela crítica literária brasileira e que demandam um trabalho de investigação e recuperação de acervos. Como crítico literário, Nunes começa seus primeiros ensaios a partir de 1948, antes dos 20 anos de idade, num período em que fervilhava uma crítica literária publicada em jornal, influenciada pela segunda fase do Modernismo Brasileiro, especialmente a fase do romance social.

**RESUMEN:** Esta investigación presenta la finalidad de analizar cinco obras de crítica literaria de Benedito Nunes (1929-): *O mundo de Clarice Lispector* (1966), *O dorso do tigre* (1969), *Passagem para o Poético – Filosofia e Poesia em Heidegger* (1986), *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector* (1988), *O tempo da narrativa* (1989), así como los artículos que el crítico publicó en periódicos de 1946 a 1960. El análisis enfoca la relación de las obras con la filosofía de Heidegger y con la tendencia del pensamiento hegemónico de la crítica literaria brasileña de la segunda mitad del siglo XX.

### 1. A GÊNESE DA PESQUISA

A proposta de estudar a obra do crítico literário Benedito Nunes (1929 -) - Benedito José Viana da Costa Nunes - nasceu durante a pesquisa de Mestrado em Teoria e História Literária (UNICAMP), quando desenvolvi um estudo sobre a obra de um autor paraense. Trata-se da Dissertação de Mestrado “A Representação Alegórica da Ditadura Militar em *O Minossauero*, de Benedicto Monteiro: Fragmentação e Montagem”, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Suzi Frankl Sperber. Neste momento, deparei-me com um rico material publicado em jornais e revistas de Belém/Pará (1946-1952), representativo das primeiras atuações de Benedito Nunes na crítica literária sobre poemas, crônicas, romances e textos sobre Filosofia. No mesmo período, ele também realizou tradução e crítica de obras de autores estrangeiros e publicou poemas, conforme afirma no prefácio intitulado “Max Martins, Mestre-Aprendiz”:

Mas o parentesco da poesia *O Estranho* - precária edição que o autor pagou a duras penas em módicas e espaças prestações - era com um Drummond muito anterior, o de *Alguma Poesia*, *Brejo das Almas* e *José*, conforme ousei afirmar em “A Estréia de um poeta”, artigo publicado em

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas – São Paulo. Orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Suzi Frankl Sperber. E-mail: mafana@ufpa.br.

52 no jornal “A Folha do Norte”, e com o qual me iniciei na crítica literária, depois de haver abandonado, por lúcida e acertada decisão, a arte poética (Nunes, 1992: 21).

Nunes começou o trabalho de crítica literária muito jovem, nos jornais e periódicos de Belém do Pará, como colaborador do Suplemento Literário “Arte e Literatura” do jornal *Folha do Norte*, de 1946 a 1951, e como diretor das revistas *Encontro* (1948) e *Norte* (1952), além de revistas e jornais de cunho literário nacional, a exemplo: *Comentário*, *Revista do Livro*, *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* e *Suplemento Literário do Estado de Minas Gerais*, entre outros.

Nos anos subseqüentes, ele continuou regularmente atuando como crítico literário, com larga repercussão nacional e internacional, divulgada em eventos e em livros como: *O Mundo de Clarice Lispector* (1966); *O Dorso do Tigre* (1969); *João Cabral de Melo Neto* (1971); *Oswald Canibal* (1978); *Passagem para o Poético - Filosofia e Poesia em Heidegger* (1986); *O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector* (1988); *O Tempo na Narrativa* (1989); *No Tempo do Nilismo e Outros Ensaios* (1993); *Crivo de Papel* (1998); *Hermenêutica e Poesia* (1999); *Dois Ensaios e Duas Lembranças* (2000).

Entretanto, apesar dessa produção, não há estudos sistematizados sobre a obra de Benedito Nunes. Neste sentido é que se inscreve o objetivo do meu Projeto de Doutorado, intencionando sistematizar a trajetória intelectual de Benedito Nunes, procurando entender sua relação com a filosofia heideggeriana e as correntes hegemônicas da produção crítica brasileira da segunda metade do século XX, uma vez que suas obras se tornaram referências bibliográficas dos Cursos de Letras do Brasil e sua crítica se diferencia das de outros críticos brasileiros do mesmo período pela abordagem teórico-filosófica de seus textos.

## **2. BENEDITO NUNES E A MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA: PRIMEIRAS ANOTAÇÕES**

Benedito Nunes foi aluno de Merleau-Ponty e Paul Ricoeur. Estudou no Institut d'Études Portugaises et Brésiliennes na Universidade de Paris. Exerceu o magistério de 1968 a 1969, quando foi bolsista de John Simon Guggenheim Foundation para pesquisas, na área das letras brasileiras contemporâneas, na Universidade de Rennes. Foi fundador do Norte Teatro-Escola, junto com Maria Sylvia Nunes, sua esposa, e Angelita Silva, sua cunhada. Ganhou o prêmio de melhor adaptação teatral, no I Festival Nacional de Teatro Amador, em Recife, com uma adaptação do texto *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Foi um dos fundadores do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Pará, onde lecionou até se aposentar em 1992.

Como crítico literário, o autor de *O Mundo de Clarice Lispector* começa seus primeiros ensaios em 1948, antes dos 20 anos de idade, num período em que fervilhava uma crítica literária publicada em jornal, influenciada pela segunda fase do modernismo brasileiro, especialmente a fase do romance social, que teve como um dos principais críticos: Álvaro Lins. É sintomática a leitura de textos desse autor, pela citação de seu nome no discurso de Nunes nas suas primeiras incursões críticas feitas na revista *Norte* (1952), conforme excerto abaixo:

Em 1942 o poeta Rui Guilherme Barata lançava o seu primeiro livro – “O Anjo dos Abismos” -, que a crítica metropolitana, representada por Álvaro Lins, considerava como a melhor estréia daquele ano, em matéria de poesia. Era, realmente, um poeta talentoso que surgia, mas com uma experiência reduzida das coisas da vida, de modo que os seus poemas dessa primeira fase traduzem admirações ou exprimem lamentos e nostalgia, sem trazer uma interpretação da existência em que se refletisse o espírito do poeta, naquilo que possui de mais íntimo e profundo. A profundidade exigida pela poesia não tinha sido alcançada, pelo simples fato de que às suas experiências faltava a cristalização necessária, e aos seus versos a habilidade que só é conferida depois de um prolongado convívio com a riqueza interna das palavras. Mas, nesse primeiro livro, elogiado pela crítica, quando nós ainda considerávamos um ultraje passar além das fronteiras bilaqueanas - isto em 1942 -, revelava-se a energia criadora de um poeta que, mais tarde, saberia manter uma assombrosa familiaridade com as suas imagens e invenções. Depois da estréia, Rui Guilherme passou anos publicando nas folhas literárias locais, resistindo, por muito tempo, à sedução de um segundo livro. Dedicou-se, pausadamente, ao trabalho contínuo de captação poética, vivendo a sua poesia, sem essa maldita ânsia de publicidade, que estraga os poetas federais, como está acontecendo com o sr. Ledo Ivo, que dá a vida por ver-se impresso todos os domingos, ou com o sr. Fernando Ferreira de Loanda, que não podendo publicar suas próprias poesias, publica as dos outros, que são melhores que as dele (...) (Nunes, 1952: 53).

Como se vê, Nunes ao analisar o livro *A Linha Imaginária* (1952), de Rui Barata, poeta paraense e amigo do crítico em questão, além de mostrar seu talento para a crítica, com percepções claras sobre as questões universais da literatura, polemiza a respeito dos “poetas federais” numa aguda percepção crítica dos valores dos textos, criticando a postura de Ledo Ivo e Fernando Ferreira de Loanda, demonstrando, de início, que era um estudioso atento às premissas estéticas da literatura em voga naquele momento.

Nessa clave, Wilson Martins, fazendo um balanço da crítica literária no Modernismo Brasileiro em *A Crítica Modernista*, destaca três fases dessa crítica, a saber: a) a *Crítica Sociológica de 1922-1928, em que a primeira geração modernista fará do nacionalismo, em suas variadas manifestações, a pedra de toque da qualidade literária*; b) a *Crítica Social de 1930-1940: devido ao amadurecimento no Brasil do processo de reforma institucional de que as revoltas militares e literárias da década anterior tinham sido as manifestações simultâneas complementares e afins, a crítica literária passou a refletir essas absorventes preocupações*, substituindo a sua escala “sociológica” de valores por uma escala de valores “social”; e c) a *Crítica Estética: a partir de 1950, quando os críticos buscaram um novo rumo para a atividade crítica, na base de um rigorismo conceitual e metodológico, de um conceito de autonomia do fenômeno literário e da possibilidade da sua abordagem crítica estética, visando mais os elementos intrínsecos e estruturais, isto é, à obra em si mesma e não as circunstâncias externas que a condicionaram* (Cf. Martins, 1986: 625).

Wilson Martins, em *A Crítica Modernista*, afirma ainda que, entre “1940 e 1950, a literatura brasileira já havia adquirido, em todos os gêneros chamados ‘criadores’ a fisionomia característica de um Modernismo” Esse superara a si mesmo para se transformar em moderno. Semelhante literatura começava a exigir, por consequência, critérios exclusivamente estéticos de julgamento e apreciação (Cf. Martins, 1986: 625).

Assim, entre Álvaro Lins e a geração que lhe seguiu e que se poderia simbolizar no nome de Antonio Candido, infelizmente afastado da crítica profissional – um novo compasso se marcava. Críticos de formação diferente, de temperamentos diversos, em várias partes do Brasil, passaram a se identificar por atitudes afins, pela adesão cada vez mais pronunciada ao método estético. Antonio Candido é, entre duas tendências, um elo de ligação exemplar. Se, a princípio, parecia encaminhar-se para uma concepção

sociológica, quando não política, da literatura (Brigada Ligeira, 1945), logo passou a uma nítida metodologia estética, representada principalmente por seu livro fundamental, *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos* (1959) (Cf. Martins, 1986: 625).

Tudo isso considerado, percebe-se que Benedito Nunes desde cedo se prepara para o exercício de um trabalho que exigiria uma formação acadêmica e uma dedicação à leitura que é retratada no prefácio já citado<sup>2</sup>, por meio das lembranças da infância e adolescência literárias vividas com um grupo de amigos de uma confraria literária (uma espécie de Academia Brasileira de Letras, aos moldes passadistas), que funcionou em Belém de 1942 a 1945, intitulada “Academia dos Novos” (C.f. Coelho, 2005: 57-67), na qual vemos o crítico se exercitando com muita seriedade:

Quarenta anos de lida com poesia separam o primeiro livro de Max Martins, *O Estranho* (1952), desta edição, em 1992, de seus poemas reunidos. Porém a contagem da idade do autor como poeta, pode, a rigor, ser recuada por mais oito anos, até por volta de 42, quando o conheci. Era ele então um modesto e generoso editor adolescente: incumbia-se de fabricar os nossos primeiros livros, datilografando os seus e os meus poemas, em fita vermelha, na máquina do Banco do Pará, onde trabalhava (Nunes, 1992: 17).

Observa-se no prefácio em discussão o início da formação intelectual do autor de *O Dorso do Tigre*, que, em pleno modernismo brasileiro em 1942, continuava fazendo poemas à maneira dos parnasianos:

Familiarizados com o TRATADO DE VERSIFICAÇÃO, de Guimarães Passos, aprendêramos todos a metrificar e a rimar. Jurandir Bezerra e Alonso Rocha, que dispensavam os serviços editoriais de Max, porque preferiam versões manuscritas de seus próprios poemas, coletados em cadernos escolares Avante, ensinaram-me a contar as sílabas pelos dedos da mão direita. Naquele tempo, honrávamos o Parnasianismo (Nunes, 1992: 17).

Ainda no prefácio, Nunes reclama do isolamento vivido pelos jovens escritores, como ele, na Belém de 1942:

Nada sabíamos da passagem de Mário de Andrade por Belém em 1927 e muito menos da existência de seus correspondentes paraenses, mais interessados nos estudos de folclore dos viajantes paulistas do que na poesia “futurista” de PAULICÉIA DESVAIRADA. Embora já tivesse dezoito anos de idade, o Modernismo ainda não ingressara em nossas antologias escolares. Vivíamos, durante a segunda Guerra Mundial, uma época de isolamento provinciano; sendo o transporte aéreo precário e raro, Belém ligava-se às metrópoles do sul quase que só pela navegação costeira do Ita. Isto tudo justifica, mas não explica nosso retardamento literário de jovens versejadores acadêmicos<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Esse prefácio é um dos mais ricos documentos a respeito da produção e circulação literária no Pará, pois ao analisar 40 anos de produção do poeta Max Martins (*O Estranho*, 1952 a *Não Para Consolar – Poemas Reunidos*, 1992), Benedito Nunes também fala de si mesmo, cuja convivência com o poeta ocorre a partir de 1942, quando Nunes tinha apenas 13 anos de idade, iniciando junto com Martins seus primeiros poemas parnasianos, que eram produzidos em livros artesanalmente e lidos por um pequeno grupo de amigos escritores iniciantes. Nessa época, embora já tenha ocorrido a “Semana de Arte Moderna” (1922), os jovens poetas desconheciam completamente esse evento. Benedito Nunes, em cujo prefácio se encontram essas informações, acrescenta que começariam a se modernizar em 1945, depois da morte de Mário de Andrade, uma das personalidades mais importantes do Modernismo Brasileiro.

<sup>3</sup> Embora Nunes faça essas afirmações, estudos literários efetivados sobre a repercussão da “Semana de Arte Moderna” no Pará comprovam a existência de vários manifestos em revistas, como, por exemplo, Flami-326

Porém, vamos vê-lo, em 1946, no mesmo grupo, mas com outra mentalidade, a partir do grito de liberdade “Morra a Academia”, de Max Martins, numa das sessões da “Academia dos Novos” ainda em 45. Desta feita, em torno de Haroldo Maranhão, um dos amigos da confraria que aderira ao Modernismo e fundara e dirigira o “*Suplemento Arte e Literatura*”, do jornal *A Folha do Norte*, de seu avô Paulo Maranhão. Essa geração, segundo Marinilce Coelho *consolidou a literatura moderna no Pará. “Leitores da crítica de Álvaro Lins, essa geração tomou consciência a respeito da poesia moderna, e da diferença desta em relação à ‘Sonetaria parnasiana’”* (Coelho, 2005, p. 95).

Benedito Nunes acrescenta sobre o “Suplemento Arte e Literatura” da *Folha do Norte*:

Mais moderno do que modernista esse antiprovinciano tablóide dominical instrumentou, difundindo tudo o que de melhor e mais novo se fazia na literatura e na arte do país e do estrangeiro, o esforço de atualização que cada qual começara a empreender por conta própria. E golpeou o isolamento que ilhava a produção local (op. cit, p. 18).

Nesse período é que os jovens ex-acadêmicos, inclusive Benedito Nunes, vão ler vários autores, começando uma formação sólida a respeito da literatura e da arte, conforme informação do pensador e crítico da literatura, por meio da convivência com companheiros que, como ele, gostavam de arte:

Os primeiros poemas de *O Estranho* foram surgindo nas páginas do Suplemento, onde líamos as últimas poesias de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, alternando-se com versos de Ruy Barata e Paulo Plínio Abreu, que nós, os então chamados “novos”, somados a um Cauby Cruz e a um Mário Faustino, que não haviam pertencido à nossa Academia, tínhamos aprendido a admirar. O encarte dominical da “Folha do Norte”, que durou de 1946 a 1951, também direcionou a convivência intelectual que nos ligava, por meio de nosso atualíssimo mestre, Francisco Paulo Mendes, a pessoa mais velha ou apenas menos jovens do que nós. Por fim, criou-se um espírito comum na maneira de sentir e de pensar o mundo real e a literatura (Nunes, 1992: 18).

Comparativamente a essa produção que hipoteticamente influenciou a formação intelectual de Benedito Nunes, pode-se dizer que ele se diferencia desses autores, uma vez que geralmente aplica teorias filosóficas nas análises de seus textos.

Considerando o período de 1946 a 1980, os procedimentos metodológicos deste estudo serão centrados em dois eixos: a) um corte temático representado pelo acervo produzido por Nunes e publicado em periódicos local e nacional (1946-1960) e pelo conjunto da sua obra crítica sobre literatura entre 1966 e 1989; b) um corte teórico das décadas de 40 a 60, que possivelmente influenciou a formação do crítico, como, por exemplo: Álvaro Lins, Wilson Martins; e um corte teórico contemporâneo ao autor estudado, representado pelos autores de *Histórias da Literatura Brasileira*: Afrânio Coutinho; Antônio Candido; Alfredo Bosi, entre outros; e por último as obras filosóficas de Martin Heidegger: *A Caminho da Linguagem, Arte e Literatura e Ser e Tempo V. I e II*.

---

n’-Assú: Manifesto aos Intelectuais Paraenses (1927), de Abguar Bastos, quando Nunes ainda não era nascido, divulgando as premissas da nova poesia brasileira, conforme estudos de Marinilce Coelho, entre outros.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CANDIDO, A. (1981). *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. Vols. I e II. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.
- COELHO, M. O. (2005). *O Grupo dos Novos: Memória Literária de Belém do Pará*. Belém/Pará: Editora da Universidade Federal do Pará.
- COUTINHO, A. (org.) (1986). *A Literatura no Brasil*. Vol. 5. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense.
- MARTINS, M. (1992). *Não para Consolar: Poemas Reunidos 1952 – 1992*. Belém: CEJUP.
- HEIDEGGER, M. (2003). *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Ser e Tempo*. Vols. I e II. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco.
- \_\_\_\_\_. (2005). *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa/Portugal: Edições 70.
- MARTINS, W. (1986). “A Crítica Modernista”, in: Afrânio COUTINHO (org.), *A Literatura no Brasil*, vol. 5. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense.
- NUNES, B. (1952). “O Anjo e a Linha”, in: *Norte Revista Bi-mestral*, n.º 1, pp. 53-60.
- \_\_\_\_\_. (1966). *O Mundo de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. (1969). *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. (1986). *Passagem para o Poético – Filosofia e Poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. (1988). *O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. (1989). *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ática.